

ENTREVISTA

Andressa Dias Arndt nasceu em São Bento do Sul, no estado de Santa Catarina. Estudou música desde menina e, depois de um encontro inusitado, decidiu que seria musicoterapeuta. Sua trajetória de vida é diversa, intensa e consta de uma passagem pela UNESPAR de 2012 a 2015, ocasião em que deu aulas no curso de Musicoterapia, orientou estágios e concluiu seu mestrado. Atualmente, Andressa reside em Florianópolis e dedica-se ao curso de doutoramento em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. É de lá que recebemos o carinho efervescente das respostas que compõem essa entrevista.

InCantare: Poderia contar um pouco sobre seus estudos e formação musical?

Andressa: Sempre estudei em escolas públicas, incluindo minha formação musical que começou na Escola de Música Donaldo Ritzmann, vinculada à Fundação Cultural de minha cidade natal. Com 10 anos iniciei meus estudos em Teoria Musical e Canto Coral. Com 11 anos comecei a estudar teclado com Leila Dobrochinsk. Foi com ela e com minha irmã que aprendi a amar a Música Popular Brasileira. As aulas com a Leila eram carregadas de risadas, histórias e aprendizados. Dediquei-me ao estudo do teclado durante 5 anos. Desde os 11 anos frequentei aulas de canto, naquela época, com o Maestro Frank Graf (*in memoriam*) da FURB (Universidade Regional de Blumenau). As aulas de canto me acompanharam e me acompanham intensamente. Durante esse período estudei piano com Edeltraut Edith Klostermann, a quem dedico um carinho enorme até hoje. No meu quinto ano de teclado, faltando pouco tempo para conclusão do curso, desisti do instrumento, pois fui capturada por uma paixão pelo violão. Comecei a estudar violão clássico, a contragosto, mas era a exigência do professor Renato, caso eu quisesse um dia aprender violão popular com ele. Após os meus 18 anos, já morando em Curitiba, estudei canto com Ana Cascardo no Conservatório de Música Popular Brasileira e violão com o professor de música que mais impactou minha vida: César Marques. O César tem um tipo particular de relação com a música e com o violão, da qual compartilho e que me afeta muito. Com ele vivenciei aulas viscerais, corporais, tinha muita pulsão naquela forma de estudar violão. Aprendi muito

com ele, sobre percepção, sobre apropriação, sobre ter uma relação quase simbiótica com o instrumento. O César me ajudou a ser uma musicoterapeuta melhor, mesmo não sendo essa a formação dele. Nenhum(a) professor(a) até hoje impactou tanto minha relação com a música como ele.

InCantare: Como foi seu encontro com a musicoterapia?

Andressa: Quando estava chegando a época do vestibular, passei a procurar um curso, pensei em várias opções: Letras, Jornalismo, Fonoaudiologia, etc. Mas, nenhum deles me convencia. Certo dia, e até hoje eu acho essa história muito curiosa, eu estava saindo de uma agência bancária naquela linda cidadezinha do norte catarinense, com meus livros de piano, e tropecei em um senhor. Meus livros caíram, ele me ajudou a pegar, e me perguntou: Você estuda música? Comentei que aqueles eram meus livros de piano, ao que ele respondeu: minha filha é musicoterapeuta! Nunca, em toda minha formação musical eu havia escutado aquela palavra. Eu não sabia do que se tratava, mas cheguei na Escola de Música Donaldo Ritzmann, conversei com minhas professoras de música e disse: já decidi o que vou cursar, vou fazer Musicoterapia! Eu não tinha a menor ideia do que era a profissão, mas uma convicção tão grande tomou conta de mim que eu não tinha dúvidas, aquele era o meu desejo profissional. Na época, eu não tinha internet em casa para poder pesquisar sobre a Musicoterapia, lembro que a Professora Marcési me emprestou uma pasta dela com xerox de livros que narravam experiências de Musicoterapia. Eu me encantei e “decorei” aquelas páginas. Em seguida, procurei saber quem era a filha do homem com o qual eu havia esbarrado na agência bancária. Tive o prazer de conhecer a musicoterapeuta Lidiane Tascheck, que me contou sobre a Musicoterapia e ajudou em minha preparação pré-vestibular, mediando meu contato com a Faculdade de Artes do Paraná – FAP, atual UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) Campus de Curitiba II, instituição de sua formação, e minha também.

InCantare: Você tem contato com profissionais musicoterapeutas no dia a dia? O que percebe no trabalho que fazem?

Andressa: Escolhi sair de Curitiba há pouco mais de dois anos para me dedicar ao doutorado em Florianópolis-SC. Atualmente, não tenho contato com muitos musicoterapeutas em meu cotidiano, a atuação de nossa profissão aqui é expressivamente

menor se comparado à Curitiba. Mas, como minha pesquisa investiga os fazeres e saberes musicoterápicos em contextos sociocomunitários na América Latina, estou tendo o enorme privilégio de conhecer, alguns pessoalmente, mas a grande maioria por Skype, colegas de profissão de países latino-americanos. Tenho me encantado com a forma criativa de nossa profissão atuar. São contextos tão distintos, realidades sociais e culturais tão diferentes, mas me chama atenção dois grandes “em comum” nas práticas profissionais que tenho conhecido com minha pesquisa: a aposta na potência do fazer musical e a paixão pela Musicoterapia.

InCantare: Qual é a sua impressão sobre a musicoterapia?

Andressa: Compreendo a Musicoterapia como um campo de saber que aposta na potência do sujeito e do fazer musical. Percebo a Musicoterapia como uma profissão causadora de tensionamentos por se colocar sempre em um *entre* lugar, ela não é uma Psicologia, ela não é uma Medicina, não é Educação Musical, ela transversaliza tudo isso para se fundar como um outro possível. Para mim, a riqueza da Musicoterapia é justamente esse caráter performático e transgressor. Performático porque se re-cria toda vez que encontra diferentes desafios no cotidiano de trabalho. Transgressor porque não se filia à uma disciplina, não é legitimada como área de conhecimento no Brasil, e mesmo assim, invade as ruas, universidades, congressos e mídia com o trabalho que faz.

InCantare: Qual é a sua impressão sobre a profissão do musicoterapeuta?

Andressa: Uma profissão ousada e apaixonante. Optar por ser musicoterapeuta no Brasil é escolher uma militância, é ter que se explicar cotidianamente, é aprender diariamente a não somente realizar um bom trabalho, mas saber nomear e sustentar sua prática. Talvez por isso, tenho a impressão de que só permanece na musicoterapia quem é muito apaixonado pelo que faz, e de igual modo, isso nos move a sermos muito desbravadores. Nossa profissão abriu e abre muitos campos de atuação pela garra dos profissionais que resistem aos preconceitos e incompreensões vigentes.

InCantare: Fale um pouco sobre sua prática musicoterapêutica.

Andressa: Iniciei minha prática profissional no campo da saúde mental, com pessoas em sofrimento psíquico grave, primeiramente em um hospital de internamento psiquiátrico integral e, em momento posterior, em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Ao

longo dos anos, muitas experiências me transversalizaram. Já trabalhei com crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), pessoas com paralisia cerebral, mulheres em luto, pessoas idosas, pessoas com Alzheimer, contextos empresariais, docência no ensino superior, bem... A lista continua. Mas, nos últimos anos tenho me dedicado a atuar no campo sociocomunitário e socioassistencial. Durante meu mestrado realizei uma pesquisa-intervenção em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da região metropolitana de Curitiba - PR. Atualmente, meu compromisso com a Musicoterapia é na condição de pesquisadora, e tenho encarado isso como uma oportunidade incrível de crescimento pessoal e profissional.

InCantare: Você percebe pontos positivos tanto no campo de saberes como na profissão do musicoterapeuta? E negativos? Quais são? Comente um pouco.

Andressa: A grande potência que vejo é o trabalho que realizamos. Adentramos muitos contextos, encontramos pessoas em diferentes situações e temos escrito histórias incríveis. Não nos intimidamos com falta de recursos, somos criativos/as e não temos dúvida das transformações positivas que testemunhamos nas relações que estabelecemos, mediadas pelo fazer musical.

Um dos grandes pontos negativos que percebo é praticamente não termos ofertas de pós-graduações *stricto sensu* específicas da Musicoterapia no Brasil. Certamente há pontos positivos em dialogar com outras áreas de conhecimento, mas, a falta de oportunidade de nos especializarmos em nossas teorias nos coloca em um constante risco de enfraquecimento epistemológico.

InCantare: Em comparação com o início de sua trajetória até os dias de hoje, percebe mudanças no campo e na profissão?

Andressa: Um grande avanço que percebo em nossa profissão ao longo desses meus dez anos como musicoterapeuta é que nossa formação acadêmica (me refiro à proposta da UNESPAR, pois me é a mais próxima), agora é muito mais voltada para pesquisa científica, com incentivo à participação em eventos e publicações. Uma formação que investe no campo prático, mas também no campo epistemológico e técnico da Musicoterapia.

InCantare: Você teria alguma sugestão para os musicoterapeutas que estão iniciando suas carreiras?

Andressa: Estejam abertos/as a vivenciar todas as experiências possíveis no campo da Musicoterapia, não subestimem nenhum tipo de encontro porque no inusitado pode residir a possibilidade de aumento de nossa potência de ser, pensar e existir.

Participem de eventos científicos, publiquem seus estudos de caso, conversem com colegas de profissão, estudem outros idiomas, invistam no prazer da leitura, e por fim, parafraseando Rancière em sua obra O espectador emancipado: faça sua própria música com a música que é feita diante de você.

InCantare: Pode falar algo sobre a importância da formação continuada, ou seja, a continuidade dos estudos após a graduação em musicoterapia?

Andressa: A graduação em Musicoterapia é um grande escancarar das fronteiras, é aquele investimento primeiro, que te conquista e te faz querer uma relação. Será sempre insuficiente, por mais que aprimoremos a proposta curricular. É preciso desejar conhecer cada vez mais, e assim, vamos percebendo que os caminhos vão se alargando. Investir em formação é investir em si e no outro, aquele com o qual trabalhamos. Estudar é uma oportunidade incrível de construir redes, encontrar pares, escancarar incertezas e assim, investir na produção de conhecimento científico, tema tão caro à Musicoterapia. Por fim, gostaria de mencionar o quanto sou grata aos/as professores/as que me acompanharam e me acompanham em minha formação. É inspirada na potência de trabalho deles/as que me constituo amante da música, da musicoterapia e da pesquisa.